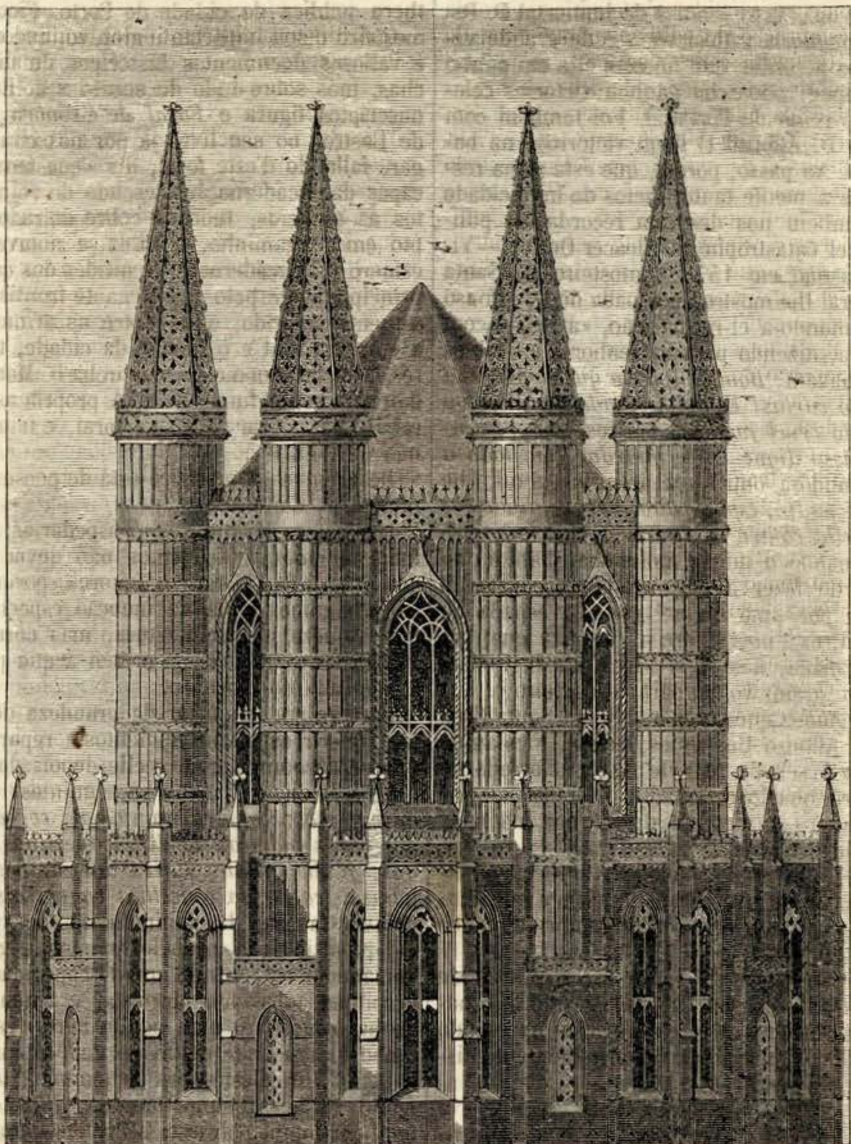


Projecto de conclusão para as capellas imperfeitas, pelo architecto Murphy

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DA VICTORIA VULGARMENTE CHAMADO DA BATALHA

(Vid. pag. 345)

Desde que el-rei D. João III levantou mão das *capellas imperfeitas* ficaram estas em completo abandono. Nem cobriram, sequer, para resguardo das chuvas, as abobadas das sete capellas e os topos dos massiços que as separam, e que eram destinados a servir de sustentaculo, ou de gigantes, á cúpula que devia cobrir o grande espaço octogonal, em torno do qual se abrem as mesmas capellas. Nem o portico, com ser obra tão mimosa e de tanto enlêvo, mereceu em tempo algum dos poderes publicos que olhassem pela sua conservação, abrigando-o de qualquer modo contra as inclemencias das estações.

D'este desprezo resultaram bastantes estragos n'esta grandiosa fabrica. Aquellas abobadas e massiços foram-se toldando de uma vegetação tão vigorosa, que, resistindo ás seccuras do estio, parecia enraizar-se em terreno fertil. As raizes das plantas e a infiltração das aguas desconjuntaram muitas pedras, e tal damno causaram, principalmente na parte construida da abobada do pateo que precede as capellas, que uma boa porção d'ella veiu abaixo. Mas o que ainda é mais para sentir, pela importancia do prejuizo e pela sua significação moral, são as devastações feitas n'aquelle magnifico portico pelas mãos do homem. Houve verdadeiros vandalos que se atreveram a quebrar com martello varios pedaços d'aquellas delicadissimas rendas e d'aquelles brincados remates, e a arrancar dos nichos ou peanhas algumas estatuas que decoravam o portico!

Não tem sido só portuguezes os complices n'este acto de barbaridade. Tambem mãos estrangeiras se tem manchado n'esta obra de destruição, guiadas pela cubiça de levarem comsigo, como objectos artisticos e despojos de um monumento historico, esses fragmentos tão indigna e sacrilegamente roubados. O mal data já de muitos annos. Presenciaram-n'o, e até algumas vezes foram coniventes n'essas práticas criminosas, os proprios frades, que chegaram a arrancar das vidraças do templo caLeças de santos, para presentearem alguns viajantes illustres que visitaram o

seu mosteiro. Em nosso tempo desappareceram do referido portico as estatuas de S. João Baptista e de S. Domingos.

Quando se começou a cuidar systematicamente da conservação e restauração do edificio monumental da Batalha, em 1840, foram estirpadas todas as plantas que vegetavam sobre os topos dos massiços e sobre as abobadas das sete capellas. O illustre engenheiro, Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, triste victima das nossas luctas civis, cuja morte foi uma perda tão grande não só para as letras e sciencias, que tanto lhe deveram, mas tambem para todos os commettimentos civilisadores d'este paiz, este nosso benemerito compatriota, pois, que então dirigia os trabalhos da conservação e restauração do monumento, projectava, quando estivessem concluidas ou muito adiantadas as obras mais urgentes no edificio principal, voltar a sua attenção e desvelos para as *capellas imperfeitas*. Não entrava no seu plano proseguir no acabamento da obra, mas sim fazer alli os trabalhos necessarios para a preservar da ruina com que a ameaçava a successão dos tempos. Tinha, portanto, resolvido resguardar as ditas abobadas e topos dos massiços com alguma especie de cobertura que os defendesse das chuvas e lançasse as aguas fóra do edificio; abrigar do mesmo modo os dois porticos, exterior e interior, e as paredes lateraes, impedindo que as correntes de agua pluvial, escoando-se pela parede, viessem gastar as preciosas esculpturas d'aquelles porticos; lagear ou cobrir de asphalto o grande espaço octogonal, para evitar a vegetação, tornando-o de facil accesso; e, em fim, apear os restos da abobada do pateo, que precede as ditas capellas, deixando assim mais desaffrontada e com mais luz a capella-mór da egreja.

Não teve tempo, infelizmente, para pôr em prática o seu plano. Alguns annos antes da sua morte, os acontecimentos politicos afastaram-n'o da superintendencia e direcção das obras da Batalha. Estas continuaram sempre até hoje sem interrupção, de maneira que a restauração da egreja se acha, cremos nós, concluida; e muito adiantada a do claustro real; faltando apenas a da capella do Fundador. Julgâmos que ainda não se fizeram nas *capellas imperfeitas* os resguardos projectados por Mousinho de Albuquerque. Não procederão a esses reparos, provavelmente, sem que esteja restituido ao seu estado e belleza primitivos o monumento de D. João I. Confiâmos, porém, que a intelligente direcção que tem presidido aos trabalhos d'aquella restauração, não deixará de empregar os meios convenientes para preservar da ruina o edificio das *capellas imperfeitas*. Conserve-se, pelo menos, o que existe, porque, além dos primores da esculptura que encerra e que mostra o aperfeiçoamento que attingiu entre nós este ramo da arte no primeiro quartel do seculo XVI, aquella construcção é como um capitulo da historia da architectura portugueza, onde os estudiosos pódem ler os passos que ella deu desde o glorioso reinado de D. João I até ao do seu terceiro neto, el-rei D. João III: periodo importantissimo para o estudo d'aquella historia, porque abrange os progressos que levaram a architectura nacional ao seu maior grau de perfeição e esplendor, e o principio da sua decadencia.

James Murphy, que, como dissemos em outro logar, examinou e estudou com verdadeiro amor da arte todo o edificio monumental da Batalha, procurou descobrir pelo exame da parte construida das *capellas imperfeitas*, o complemento d'essa obra conforme o concebêra o architecto que a delineára. N'esse intuito, e em resultado dos seus estudos, traçou um risco do exterior das capellas imperfeitas como elle conjecturava que deviam ser depois de concluidas. Esse risco constituiu uma das bellas gravuras que adornam o seu magnifico livro sobre o monumento da Batalha, de que já fallámos [1]. D'essa gravura é cópia, em ponto muito reduzido, a que damos n'este numero do *Archivo*.

O distincto architecto inglez, guiando-se pela architectura exterior das capellas e pelos massiços, ou grossos pilares compostos de delgadas columnas, que separam pelo lado externo as mesmas capellas, fez o seu desenho conjectural muito aproximado, provavelmente, ao que foi traçado pelo primeiro architecto das capellas imperfeitas.

As rendas e pyramides com que guarneceu os terrados sobre as sete capellas; os coruchéos pyramidaes, todos lavrados e vasados, com que rematou os massiços ou grossos pilares; os angulos curvilineos que deu aos arcos das oito grandes janellas do octogono; as bandeiras rendilhadas e sustidas por delicadas pilastras com que as ornou; os lavores que delineou na parte superior das paredes, em torno da cúpula; e a fórma d'esta, como uma vasta pyramide octogonal, dão ao todo do edificio um caracter de unidade similhante ao que distingue o monumento de D. João I. Toda essa obra projectada por Murphy está lançada nos moldes do estilo gothico-puro. Observando-se com attenção este projecto de acabamento, reconhecer-se-ha que condiz perfeitamente com a architectura exterior das sete capellas. E o edificio assim concluido, apenas desharmonisaria da architectura do visinho monumento em ter por gigantes aquelles grossos pilares compostos de muitas columnas delgadas, e em ser interrompido o seguimento uniforme dos fustes das mesmas columnas com anneis ou faixas que lhe roubam a singeleza e lhe diminuem a elegancia.

O estilo gothico-puro admittia esse systema de pilares, parecendo feixes de columnas; porém, só os vemos empregados no interior dos templos. Externamente não nos recordâmos de outro algum exemplo, pelo que julgâmos, que se poderá reputar por uma liberdade que tomou o primeiro architecto das *capellas imperfeitas*. Esta liberdade já significa um desvio da pureza do estilo gothico; e este desvio ainda se acha mais bem caracterisado nas faixas acima referidas, pois que estas eram proscriptas pela architectura gothica-pura. Mas se se attender a que a primeira faixa corresponde em altura ás abobadas das sete capellas, poderá suppor-se com bom fundamento que não foi o primeiro architecto d'este edificio o que incorreu em tal desvio, mas sim o que dirigiu as obras, com mui notavel alteração do estilo primitivo, no reinado de D. Manuel.

Considerado, porém, interiormente, com difficuldade poderia o projecto de Murphy apresentar a mesma harmonia que mostra no exterior. Não queremos alludir sómente aos differentes estilos que ahi reinam, e que bastam de per si para constituirem uma verdadeira anarchia artistica. Referimo-nos especialmente ás mudanças que n'esse interior operou o estilo do renascimento. Com taes mudanças é que o projecto de Murphy discordaria completamente se não as substituisse.

Não quadra a cúpula pyramidal, nem a fórma ogival e ornatos gothicos das janellas do octogono com o estilo do renascimento, que se observa nas ultimas obras alli feitas. Tambem não condiz com estas a abobada artezoada propria d'aquelle genero de cúpulas; e, além d'isso, faltava-lhe um dos seus naturaes sustentaculos, os feixes de columnas que nos oito angulos deviam servir de apoio aos artezões da mesma abobada, columnas que vemos cortadas e terminadas pelo friso a que acima nos referimos. Seria pois nenessario, para estabelecer alguma harmonia, demolir tudo o que alli se construiu no reinado de D. João III, sob um estilo que forçosamente determinava um remate muito differente d'esta obra.

[1] Vid. pag. 238.

Todavia, posto que não se trate, nem se pense no acabamento das *capellas imperfeitas*, foi muito louvavel o empenho com que o architecto Murphi procurou adivinhar o pensamento que presidiu ao risco primitivo, traçando um projecto de conclusão d'aquelle edificio, que, ao mesmo tempo que acredita os seus conhecimentos artisticos, nos habilita a formar uma idéa, sem dúvida muito aproximada, da fórma exterior d'este singular monumento depois de concluido.

(Continua) I. DE VILHENA BARBOSA.

DA PATRIA AO CEO

CONTO POPULAR DE TRUEBA

(REFERIDO PELO AUCTOR A SUA MULHER)

(Conclusão. Vid. pag. 387)

Quando chegou á America do Sul, e ouviu que os habitantes d'aquellas regiões o saudavam na suave lingua de sua mãe, dobraram-se-lhe involuntariamente os joelhos, e os seus olhos, arrazados em lagrimas, ergueram-se para o ceo. Alli, por fim, lhe abria as suas santas portas o templo catholico, tão bello e consolador para os que julgâmos que a vida não se limita a esta massa de carne e sangue, que um sopro de Deus cria e outro sopro de Deus anniquila.

Entrou em um templo, e alli se lhe deparou logo a imagem da Virgem, que mais de uma vez sorrira amorosamente a sua mãe na egreja das Encartações.

Orou e chorou, e de envolta com o nome venerando da mãe de Deus foram os de sua mãe e da sua amada. E fitando os olhos no rosto suavissimo de Maria, figurou-se-lhe que a Virgem lhe sorria amorosamente e estendia sobre elle o manto como para o proteger.

Pedro percorreu a America, que ainda se orgulha com a lingua e religião de Castella, sua nobre mãe. A America Hespanhola pareceu-lhe uma joven vergada sob o peso de infortunios, mas ainda povoada de mocidade e de fé.

E amou-a, porque era formosa e desventurada.

— Que similhança tamanha, disse, entre as minhas dores e as tuas, e entre os teus erros e os meus! Como eu, deixaste tua nobre e affectuosa mãe, para ir em busca do paraiso de teus sonhos, e o desengano vae-te entranhando, como me succede, em profunda melancolia. Somos ambos o filho prodigo que, tremendo de incerteza e remorso, volve timidamente os olhos para o desconsolado lar de seus paes! Ferimos ambos nossa mãe no coração ao apartar-nos d'ella; mas n'aquelle coração ainda ha para nós misericordia e amor. Talvez que o teu orgulho, maior que o meu, porque és maior e mais desgraçada que eu, não chegasse ainda a humilhar-se; porém, mais tarde ou mais cedo, iremos ambos descançar a fronte no seio de nossa querida mãe, para que sua santa benção venha sobre ella.

N'aquellas longinquas regiões, Pedro representava a sua aldeia tão bella, como bellos lhe tinham parecido na sua aldeia os paizes que percorrêra de desillusão em desillusão; mas por um resto de orgulho mal entendido, ou de esperança em realisar parte de seus sonhos, não estava ainda decidido a regressar ao valle nativo. As regiões austraes, onde a natureza conserva toda a virgindade, entravam no seu itinerario de viagem.

Antes de emprehender esta, quiz visitar Vera Cruz, para saudar com uma oração e uma lagrima o sepulchro do ancião a quem devia as suas riquezas.

Aproximava-se d'aquella cidade quando viu o cemiterio. Entrou n'elle com o coração palpitante, e foi lendo as inscripções de muitos sepulchros, até que encontrou uma que o fez chorar e ajoelhar. Descançavam alli os restos mortaes d'aquelle a quem a aldeia conhecia pelo nome de americano.

Via-se na pedra sepulchral uma rosa emmurchecida, mas cuidadosamente conservada, e junto da rosa liam-se estes versos de um poeta hespanhol:

> Que me enfeitem o sepulchro
> co'as flores da minha terra!

E ao reparar n'aquella rosa, Pedro deu um grito de sobresalto e alegria: era a que sua mãe tomára do altar da Virgem para offerecer ao americano quando elle se partiu da aldeia.

É possivel comprehender, mas é impossivel descrever a profunda commoção com que Pedro contemplou aquella rosa que sua mãe cultivára, tocára com suas mãos e regára com suas lagrimas; que ornára o altar da Virgem, a quem sua mãe e a sua amada oravam por elle todos os dias, e que por ultimo ornára o sepulchro do ancião a quem elle, sua mãe e todos os habitantes do valle nativo deviam tantas bençãos.

Os versos gravados no mausoléo, que, segundo lhe disse o guarda do cemiterio, se tinham posto alli, assim como a rosa, em cumprimento da vontade do fallecido; aquelles versos pareciam-lhe uma voz que se levantava da lousa de seu bemfeitor para lhe ordenar que tornasse a procurar a terra onde recebêra a agua do baptismo.

A sua resolução de percorrer as regiões austraes começou a vacillar. Beijou reverentemente a rosa, derramando sobre ella copiosas lagrimas, e dirigiu-se á cidade, porque desejava visitar os testamenteiros do americano, para expressar-lhes a sua gratidão e a de sua mãe pela religiosidade com que tinham cumprido a derradeira vontade do ancião a quem acabára de dar o ultimo adeus.

Os testamenteiros entregaram-lhe uma carta chegada de Hespanha havia poucos dias. Era de sua mãe, que, não sabendo para onde escrever-lhe, suppozera que mais tarde ou mais cedo iria a Vera Cruz, a fim de visitar a terra que servia de eterna morada ao seu bemfeitor.

Pedro, chorando de alegria, beijou a carta e apressou-se em lêl-a. Eis-aqui a carta, tal como era, com todas as bellezas e defeitos, que estas coisas valem mais authenticas que emendadas:

«Filho da minha alma e do meu coração — Estimarei que ao receberes d'esta que me escreve o sr. prior, dictando-lh'a eu, não tenhas novidade. Nós, Deus louvado, vamos passando. Saberás, meu filho, que este anno se colheu muito grão e muita fruta, porque houve abundancia de tudo; mas parece que tudo sabe mal, ainda que os visinhos nos dizem, a Rosa e a mim, que são apprehensões nossas. A romaria não esteve este anno tão divertida como em outros. Os sinos da freguezia desafinaram por occasião das festas que fizemos á Virgem, quando tu te foste, para que te désse boa viagem: e desde então acho-os roucos e parece que sempre dobram a finados. Todos tem saude, mercê de Deus, excepto Rosa e eu, que não passâmos um dia bem desde que tu te foste de ao pé de nós. Pensâmos que será tambem dos dias ennevoados, como tem havido desde que não estás aqui. Rosa tem um noivo muito trabalhador; ella não lhe deu ainda palavra, mas todos lhe dizem que lh'a dê, porque ella é uma tonta em estar a esperar por ti, pois sabe Deus se voltarás e que resolução será a tua n'este ponto, e uma rapariga honrada e zelosa deve casar-se com homem honrado e trabalhador. Quando dizem á Rosa que tu não regressas, ella e eu chorâmos bastante; mas continuâmos a rezar para que voltes, e a tristeza deixa-nos. Rosa offereceu á Senhora das Dores metade de suas lindas tranças para que voltes, porém já as tem tão compridas e formosas como d'antes.

«Com isto, filho da minha alma, não te enfado mais.

Recebe muitas lembranças do sr. prior e de Rosa, a quem não disse o que te escrevia a respeito do noivo d'ella; e recebe tambem muitas saudades dos visinhos. — D'esta tua mãe muito amiga — *Theresa.*

P. S. — Meu filho, toma cuidado com as febres, com as serpentes, com os feitiços e com os indios bravos, pois me dizem que ahi nas Americas ha perigos d'estes em toda a parte. Anda, pois, muito acautelado.»

— Meu Deus! — exclamou Pedro sinceramente commovido; tende compaixão das afflicções de minha mãe, das de Rosa e das minhas! Para ellas nem pão saboroso, nem romarias alegres, nem sinos sonoros, nem sol de Deus no ceo!... E por minha causa, tudo por minha causa!... Amaldiçoados sejam os livros que não ensinam a amar e a consolar os que nos amam, e a abençoar a terra em que nascemos. Oh! Rosa... Rosa! talvez te perdesse para sempre! Não, não o permittas, meu Deus, porque as minhas culpas, por grandes que sejam, não merecem tão grande expiação.

Inattento, desorientado, e querendo esquecer o universo inteiro, dirigiu-se Pedro immediatamente para o porto, e embarcou-se em um navio que uma hora depois devia levantar ferro para Hespanha.

XI

Meu amor! Se as perfumadas auras de maio te impellirem um dia para as Encartações, assim que deixares atraz Valmaseda, atravessa uns sombrios carvalhaes, trepa pelo suave declive de uma serra, e pára em um odorifero pomar. Inclina os olhos para o solo, e vê o destruido vallado que um dia impediu o gado de entrar no campo pelo lado do norte, e em cuja parte externa ha levantada uma cruz de madeira. Ergue de subito a vista quando houveres chegado alli, e percorre com ella o espaço que se estende entre a montanha que te sustenta e as que limitam o horisonte em frente de ti.

Verás alli um valle coberto de flores e verdura, povoado de casas alvissimas, entre as quaes sobresaem um palacio e uma egreja de elegante campanario; um valle, cruzado de cima para baixo por uma faixa de prata, que se chama rio; um valle, que em quanto outros se agitam em febris desejos e transformam todos os dias o seu idioma, o seu trajo, as suas leis e até o seu culto, permanece tranquillo, humilde, fiel ás suas tradições, contente, formoso, amando Deus e o trabalho.

Pois n'aquelle valle nasceu Pedro.

E alli morrerá tambem; porque alli o vês que, com a anciedade na alma, a respiração penosa e o coração palpitante ao mesmo tempo de receio e alegria, trepa pela serra e aproxima-se do pomar.

Amanhece um dia de maio. Muitos fructos se vêem em flor nas arvores; os melros e outras avesinhas cantam nos bosques; e os sinos repicam no alvo campanario da egreja parochial do valle.

Pedro dirige a vista para a planicie; os olhos convertem-se-lhe em duas fontes de lagrimas, os joelhos dobram-se-lhe e os labios murmuram uma oração, na qual se confundem o nome de duas mulheres com o nome de Deus.

Não, não, aquelles sinos não estão roucos, nem parece que tocam a finados, porque o seu toque é mais sonoro e mais alegre que nunca.

Pedro procura com a vista anciosa uma pequena casa branca que não deve estar muito longe da egreja, e por fim descobre o vermelho telhado entre um ramalhete de cerejeiras em flor. E então chora ainda mais que d'antes, e reza ainda com mais fervor.

A egreja pareceu-lhe maior e mais bella do que na occasião da sua partida do valle; o rio mais crystallino, o arvoredo mais verde e mais copado, as granjas e herdades mais louçãs, as collinas mais pittorescas, o valle todo mais abençoado e amado de Deus.

Mas os seus olhos, que tudo examinam, que tudo inquirem, que vêem tudo, não viram a procissão, que antes de ter chegado ao campo, saíra da egreja parochial do valle, e tomára uma estrada que, por meio de duas fileiras de ameixieiras em flor, costeia a falda da montanha, e leva ao cume d'esta e ao logar em que está a cruz de madeira.

Chegára a festa de maio, e o parocho que derramára a agua do baptismo na fronte de Pedro, sóbe ao cume da montanha, seguido de seus parochianos, para d'alli abençoar os campos da planicie, onde o suor dos aldeões se transformára já em flores.

Um cantico immenso, que resôa a curta distancia, tira Pedro de seus extasis. O mancebo presta-lhe attenção, e a ladainha dos santos recorda-lhe a festividade que a egreja celebra n'aquelle dia.

A procissão, antes occulta nas sombras da estrada, chega por fim ao campo onde se erigiu a cruz de madeira.

Pedro ajoelha novamente e exclama:

— Louvado sejas, meu Deus! A tua religião sae a receber o filho prodigo, que regressa ao lar de seus paes purificado pelo remorso e pela contrição!... Louvado sejas! Que me abençôe minha mãe, e que me abra os seus braços a virgem sem macula a quem disse um dia: «tu serás a santa mãe de meus filhos!» e no outro dia enchi de tribulações!

Vae começar a benção dos campos, e Pedro não quer interromper com a sua dor nem com a sua alegria aquella santa ceremonia. Escondido atraz do vallado, procura entre a multidão sua mãe e Rosa. O que se passa no seu coração não póde referir-se: adivinha-se apenas. O que tenha ouvidos oiça, disse o cantor do Apocalypse; o que tenha coração adivinhe e sinta, diz o humilde auctor dos *Contos cór de rosa.*

Um grito de alegria exhala-se, não dos labios, mas do coração de Pedro.

Porque o mancebo acabára de descobrir sua mãe e Rosa, ambas ajoelhadas junto á cruz, uma ao lado da outra, unidas talvez pelo mesmo pezar e por identico pensamento; ambas com os indicios da mágoa no rosto, e da melancolia profunda e infinda nos olhos.

Encanecêra o cabello de Theresa; mas o seu rosto ainda respira mais amor, mais indulgencia, mais resignação christã que em outros tempos.

Rosa perdeu a côr, como as açucenas no horto; mas no seu semblante ha a formosura do infortunio, não a formosura de Sapho subindo ao rochedo de Leucades, senão a da virgem christã que vae colher ao circo a palma dos martyres.

Termina a santa ceremonia repetindo o povo as palavras do sacerdote.

Então Pedro dirige-se para a cruz, e, ajoelhando ao pé do sacerdote, exclama:

— Meu padre, purificae-me com a vossa benção, para que seja digno de voltar aos braços de minha mãe!

O velho parocho ficou um instante suspenso, mas em seguida derramou sobre a cabeça do mancebo a agua benta com que purificára os campos, e disse:

— Abençôo-te, em nome de Deus!

— Abençoado sejas, em nome de Deus! — repetiram os habitantes do valle alli presentes.

E então Pedro, purificado por aquella benção, vôa aos braços de sua mãe e aos de Rosa, que se lançaram desoladas ao encontro d'elle.

Não ha alli coração que não palpite de alegria; porque tambem a sente aquelle honrado moço que inutilmente requestára o amor de Rosa.

XII

Meu amor! Se as brisas de maio te levarem até ás Encartações e passares por S..., verás o seguinte, de-

baixo da formosa parreira que ha na entrada da casa de Theresa.

Uma anciã e uma joven, radiantes de saude e alegria, deixando de vez em quando o seu lavor para beijar phreneticamenté uma menina de seis annos, que aprende ao seu lado a dobar; e um gentil mancebo, vestido ao uso do paiz, com o rosto queimado pelo sol e as mãos alguma coisa calejadas pela enxada, que tem nos joelhos um menino de tres annos, loiro como o linho e córado como uma rosa.

Se perguntares áquelle mancebo quem são as mulheres que cosem debaixo da parreira, responder-te-ha sorrindo:

— A santa avó e a santa mãe de meus filhos!

E em seguida tornará á sua improba tarefa de gravar na memoria do anginho que se lhe agita nos joelhos estes versos do defuncto Lista, a quem Deus haja em gloria:

> É feliz o que nunca viu
> Outras aguas que as da patria,
> E ancião dorme tranquillo
> Na sombra das suas geiras!

A NYMPHA DA CONCHA

A estatua de marmore conhecida pelo nome de *nympha da concha*, é uma das numerosas obras de arte que adornam o parque de Versalhes. Teve por auctor a Coysevox, distincto estatuario francez, que a esculpiu, servindo-lhe de modêlo, até certo ponto, a *Venus da concha*, estatua antiga, que se acha no museu do Louvre. Dizemos até certo ponto, porque o esculptor não fez nem quiz fazer uma cópia exacta. Copiou o que lhe pareceu conveniente para o fim a que se propunha, mas deu á sua obra o desenvolvimento, e fez-lhe as modificações que pedia o logar onde devia ser collocada depois de prompta.



Nympha da concha

Duas grandes difficuldades tinha o artista que vencer n'este seu trabalho. Consistia a primeira em esculpir com perfeita similhança as bellezas que propriamente copiasse da estatua antiga; a segunda em não desmerecer, nas modificações que fizesse, do modêlo que escolhêra ou lhe fôra dado para imitação.

Houve-se o esculptor com muito acerto e habilidade, desempenhando a sua ardua missão com applauso dos entendedores. A sua *nympha da concha* não terá aquelle toque sublime que parece vida, e que o cinzel grego e romano sabia dar com tanto vigor e mestria ao marmore e ao bronze. Mas é cheia de graça e de expressão, e ostenta aquella encantadora singeleza e naturalidade, que são um dos principaes distinctivos das estatuas que nos restam da arte grega e romana.

A nossa gravura é cópia de outra que publicou o *Magasin Pittoresque*.

I. DE VILHENA BARBOSA.

PENSAMENTOS DE STERNE [1]

«Prefiro a vida particular á vida publica, porque estimo os meus amigos, isto é, um pequeno numero de individuos.»

«A impaciencia é a principal causa dos nossos desregramentos e extravagancias. Algumas vezes teria dado certa quantia para ir a um baile ou sarau, aos quaes não poderia concorrer por qualquer incidente; mas, passadas estas festas, daria porventura o dobro da referida quantia para não ter ido. Teria ás vezes pago um guisado por preço fabuloso; mas, depois de proval-o, arrepender-me-hia de ter desprezado a sopa de minha casa. Lembrae-vos, extravagantes e desregrados, d'esta reflexão.»

«Marco Aurelio aconselha que se adhira promptamente á opinião dos falladores insignes, com a esperança, no meu entender, de terminar a argumentação d'elles.»

«Os individuos que estão sempre a vigiar a sua saude, figuram-se-nos os avaros que amontoam thesouros de que não sabem nunca aproveitar-se.»

«Existem muitos meios de provocar o somno: pensar no murmurio dos riachos ou no balanço das ar-

[1] Escriptor inglez celebre. Nasceu em 1713 e morreu em 1768.

vores; calcular nomes; mandar esgotar por cima de uma caçarola de cobre uma esponja humida, etc. A temperança e o exercicio valem, porém, muito mais que estes succedaneos.»

«Define-se o que geralmente se chama boa compra, d'este modo: a acquisição de má mercadoria que dura pouco, só porque custa mais barato que a boa de que devéras careciamos.»

«*Tom* é uma palavra de sociedade: não póde por isso ficar só um instante.»

«Os estalajadeiros hespanhoes põem sempre nas suas lembranças o artigo *ruido*, quer se tenha ou não feito uso d'elle.»

«Conheci outr'ora um soldado valente, que me affirmou que a sua coragem consistia em pouco: quando se dava a primeira descarga em uma batalha, considerava-se para logo homem morto. Combatia então corajosamente todo o dia, indifferente aos perigos, como é proprio de um defuncto.»

«Encontrae-vos no mundo exposto aos caprichos do primeiro aventureiro; mas na bibliotheca, o genio é que está sujeito aos vossos caprichos.»

«A pertinacia é uma fraqueza absurda. Se tendes razão, limita o vosso triumpho; se não tendes, torna mais ridicula a vossa derrota.»

«Fariam melhor se adormecessem, porque se póde dizer que sonham, os que lêem sem ter por fim accrescentar a sua moralidade ou melhorar o seu procedimento.»

«Depois da virtude e da saude, nada ha mais desejavel na vida que o saber. E nada ha menos difficil e mais barato: custa apenas bom tino, e todo o tempo que podermos poupar.»

«A mentira é a maior das covardias: é temer o homem e insultar a Deus.»

VILLA DE TORRES VEDRAS

(Conclusão. Vid. pag. 385)

Saíndo de Torres Vedras pela estrada de Runa, passa-se por um sitio chamado *os Cucos*, onde ha uns banhos de caldas, que são remedio muito especial para certas especies de rheumatismo. As nascentes estão junto do leito do Syzandro, de maneira que só no verão ficam descobertas, tornando facilmente a cobrir-se logo que engrossa alguma coisa a corrente do rio. O proprietario tem construido umas casas de banhos de madeira, que todos os annos é preciso renovar, e uma correnteza de casas terreas para os banhistas menos favorecidos da fortuna, pois que os mais abastados vão residir na villa. Estes banhos, cuja proficuidade ha poucos annos que é reconhecida do publico, começam a ser concorridos de gente de Lisboa, e sêl-o-hiam muito mais, sem dúvida, attenta a sua especialidade, que os distingue das outras caldas d'esta provincia, se porventura alli houvesse um estabelecimento de banhos, não diremos magnifico, mas aceiado e commodo. Não faltam riquezas naturaes ao nosso paiz. O que lhe falta é industria para as explorar.

Proseguindo pela mesma estrada de Runa, que passa junto dos referidos banhos, encontra-se do lado d'estes, que é o direito, e a distancia de menos de dois kilometros, uma curiosidade natural, a que está ligada uma memoria historica. É uma gruta aberta n'uma rocha toucada de arvoredo silvestre, e verdejando por todos os lados. Na frente tem um pequeno bosque, que se estende para a parte direita, encostado a rochas alcantiladas. A princeza D. Maria Francisca Benedicta, viuva do principe D. José, e que tão gratas recordações deixou a este paiz, frequentava muito este sitio ameno e aprazivel quando estava residindo no seu palacio de Runa, e ás vezes gostava de tomar alguma refeição dentro da gruta, que por esse motivo lhe ficou o nome de *gruta da Princeza*. N'essa epocha fecharam-lhe a entrada com uma porta de grades, que ainda alli permanece.

Continuando a seguir aquella estrada, entra-se em um amplo valle, parecido com o de Torres Vedras na grandeza, em fórma circular, na planura, em direcção ao rio Syzandro, que tambem o atravessa em voltas de cobra, e por meio de arvoredos, e, finalmente, na disposição dos montes, que parecem occultar as quebradas por onde entram no valle o rio e algumas estradas.

No centro d'este valle fertilissimo está o logar de Runa, com a sua egreja parochial de S. João Baptista; e a um lado, quasi junto das faldas dos montes, ergue-se o sumptuoso *asylo dos invalidos militares*, fundado e dotado pela virtuosa princeza D. Maria Francisca Benedicta. Principiado no anno de 1792, interrompidos os trabalhos por causa da partida da familia real para o Brasil e das invasões francezas do principio do seculo actual, só no anno de 1827 se concluiu, inaugurando-se com muita pompa no dia 25 de julho, em que a augusta fundadora, que presidiu a todos os actos d'esta solemnidade, completava oitenta e um annos de edade.

Fórma este edificio um grande quadrado com tres andares em cada uma das quatro frentes, ficando a egreja no centro e entre dois pateos muito espaçosos. A metade do edificio para a direita do templo é occupada pelo asylo; a outra metade é palacio real. A egreja, á maneira das basilicas de Roma, com um só altar debaixo da cúpula, é toda vestida de bellos marmores de diversas côres, extrahidos de uma pedreira visinha do edificio. Admiram-se n'ella quatro primorosas estatuas de marmore de Carrara, feitas em Roma. São de muita riqueza e primor artistico as alfaias e vasos sagrados, sobresaíndo a todos a custodia, que é de oiro e guarnecida de pedras preciosas. O desenho d'esta magnifica peça foi feito pela princeza. Sómente no edificio dispendeu a fundadora mais de seiscentos contos de réis. Foi egualmente generosa na dotação do estabelecimento, mas veiu esta a ficar muito reduzida, porque parte dos rendimentos de que se compunha era da natureza d'aquelles que as leis reformadoras do immortal duque de Bragança extinguiram. Concorre actualmente, e desde bastantes annos, para este asylo sua magestade a imperatriz viuva, duqueza de Bragança, com o donativo annual de dois contos de réis.

Ha nos arrabaldes de Torres Vedras várias quintas importantes com bellas casas de habitação. Sobreleva a todas na grandeza do palacio e na belleza dos jardins e parque a *quinta das Lapas*, propriedade dos srs. marquezes de Penalva, distante da villa uns 3 kilometros. Possue esta quinta uma soberba matta de arvores seculares, toda cortada de largas e formosas ruas, e adornada com várias fontes. Em o numero das arvores mais colossaes admiram-se alguns medronheiros, que tres homens, dando as mãos, abraçarão a custo o tronco principal. Constituem uma curiosidade bem digna de ser observada, pela especie da arvore, que em geral é de mediocre desenvolvimento, e n'algumas localidades não excede ás propórções de um arbusto.

Tanto os suburbios como todo o concelho de Torres Vedras são compostos de terrenos feracissimos nos valles, e nos montes productores de fructos, que não ficam a dever coisa alguma em belleza e sabor aos que se criam nas terras baixas. Consistem as principaes producções em vinho, que é a sua cultura especial, cereaes, legumes, azeite, muita variedade de frutas, tão excellentes como poucas se vêem eguaes nos mercados de Lisboa, onde raramente concorrem. Abunda todo o concelho em pinhaes e outras mattas

silvestres, onde se encontra bastante caça, e não é pobre de gados, sendo, todavia, a principal criação de ovelhas e cabras.

Torres Vedras contém mais de tres mil habitantes, que se empregam, pela maior parte, na agricultura, no commercio e nas pequenas industrias manufactoras. É das terras interiores d'esta provincia onde ha maior movimento commercial. Fazem-se n'esta villa tres feiras annuaes: a 22 de janeiro; 29 de junho; e 20 de agosto. Tem mercado todos os domingos, e maior nos terceiros domingos de cada mez.

Foi berço esta villa de muitas pessoas notaveis, d'entre as quaes citaremos as seguintes: *D. Garcia Froyas*, mãe do conde de Barcellos, D. Pedro, filho natural del-rei D. Diniz, e auctor do celebre *Nobiliario*; a *infanta D. Leonor*, imperatriz de Allemanha, mulher do imperador Frederico III, e filha del-rei D. Duarte e da rainha D. Leonor de Aragão; *D. João Soares de Alarcão e Mello*, conde de Torres Vedras e marquez do Trocifal, em Hespanha; *D. Manuel da Silva Francez*, bispo de Tagaste, provisor e coadjutor do arcebispo de Lisboa, D. João de Sousa; *D. Fr. Eugenio Trigueiros*, bispo de Macau e arcebispo eleito de Goa; e o *padre Manuel Agostinho Madeira Torres*, prior da egreja de Santa Maria do Castello, presidente das côrtes constituintes em 1821, socio da academia real das sciencias de Lisboa, e auctor de uma memoria historica e economica sobre a villa e seu termo, que foi publicada nas obras da mesma academia, e na qual colhemos uma parte das noticias que damos n'este artigo.

I. DE VILHENA BARBOSA.

JORNAES FRANCEZES E INGLEZES

A tiragem de alguns periodicos francezes, no fim de 1865, era fabulosa. Por exemplo, o *Siècle*, orgão do partido liberal, extrahia 45:000 exemplares por dia; o *Moniteur*, orgão official, 20:000; a *Patrie*, 16:000; a *Presse*, 15:000; e a *Opinion Nationale*, 14:800.

O *Stendard*, de Londres, é a folha que dispõe na Europa de mais importante material typographico, pois tem seis machinas que imprimem 85:000 exemplares por hora. A tiragem do *Times*, na epocha referida, era de 40 a 50:000 exemplares diarios, nos quaes se consumiam 11:250 kilogrammas de papel. O consumo da tinta para esta impressão calculava-se em 2:000 kilogrammas por semana.

O SULTÃO

(TRADUZIDO DO ITALIANO DE CARRER)

Rei de nações innumeras!
Noivo de cem beldades!
Curvam-se ao teu imperio
reis, povos e cidades
do Caucaso ao Jordão.
  Sobre os coxins assyrios
  lascivo ardor suspira,
  ferve na taça espumea!
  Embala o som da lyra
  os sonhos do sultão!

Mas és feliz? Persegue-te
pavor, remorso ou agoiro
nos perfumados thalamos,
entre o alabastro e o oiro
do harem, todo esplendor.
  A fronte altiva turva-t'a
  o pallido receio!
  E sonhas entre a purpura,
  té das hurís no seio,
  phantasmas de terror!

Ó montes de Byzancio!
Da lua o fulgor brando
na vaga azul do Bosphoro
reflecte-se, imitando
do aço o lampejar!
  Dançam á luz suavissima
  as virgens sobre as flores,
  e o pescador da Thracia
  canta canções d'amores,
  e as redes lança ao mar.

Sae, se das ondas placidas
amas a doce queixa.
Gemem na praia as arvores!
Suspira terna endeixa
das rosas o sultão.
  Sae pois; se o solio esplendido
  te rouba as alegrias,
  a noite, o barco, os zephyros,
  do mar as harmonias,
  a dor te abrandarão.

Tudo silencio! Os garrulos
servos e o bando esquivo
das bellas dormem. Tacito
vela o sultão altivo,
e junto d'elle Omar.
  Omar (que o sol da Arabia
  acalentou no berço)
  em tormentosas dúvidas
  vendo o sultão immerso,
  nem ousa a voz alçar.

A um gesto sae, a rubida
chamma d'um facho alçando;
dissipa as sombras lugubres;
segue-o com passo brando
o pallido sultão.
  Com pé incerto, aereo,
  nas amplas salas giram,
  nos corredores tacitos
  do harem; alfim respiram
  da noite a viração.

No vasto azul empyreo
a solitaria lua
resvala; sobre as cúpulas
espraia-se, fluctua,
chovendo frio e luz.
  Esse clarão tão vívido
  banha a nocturna estrada.
  Inutil facho apaga-se.
  Desce o monarcha a escada,
  que ao seu jardim conduz.

N'um sitio solitario,
entre a vivaz verdura,
negreja um bosque; proximo
fonte gentil murmura,
que em rio se tornou.
  «Não dês um passo, fica-te,
  vem só aos meus reclamos.»
  Tal disse ao escravo o despota.
  Desvia os negros ramos,
  no cyprestal entrou.

Junto do arroio trépido
vela o vassallo, e mira
o veio inquieto e límpido,
que pela relva gira.
Na patria pensa já.
  Vê-se no seu tegúrio.
  A brisa vespertina
  beija as vermelhas pétalas
  das rosas de Medina,
  que a ver não tornará.

Ouve um gemido, subito,
do bosque na espessura,
como de quem, no transito,
vê perto a sepultura,
e um grito sólta em vão.
«Infrinjo as ordens régias?
Fico?... Mas se além morre...»
O affecto vence. As arvores
cruza, na sombra corre,
luz-lhe o punhal na mão.

Surge-lhe á vista um marmore,
de murtas ensombrado,
imagem d'alvo tumulo;
vê o sultão prostrado,
ouve-o gemer, chorar.
Mas subito levanta-se,
no audaz seus olhos crava.
cruza no seio trémulo
os braços; fronte escrava
roja no solo Omar.

«Pois tanto ousaste?»—«O arbitro
és tu da vida minha.
Sou teu vassallo. Mata-me.
A defender-te vinha.
Sou réo de gratidão.»—
«Ergue-te e ouve.» O gladio
n'aurea bainha enfia.
E sombra melancolica
o rosto lhe anuvia,
que tinge a compaixão.

«Caso nefando e misero
tu vaes ouvir, escravo.
Eu, do Oriente o arbitro,
amei... senti-lhe o travo!...
Impio me fez amor.
Das perfeições o cumulo
eras, mulher divina!
Não ha rosa da Persia,
lyrio da Palestina,
que a vençam no esplendor.

«Do vento aos beijos férvidos
as negras tranças dava.
Seu pé nas debeis plantulas,
correndo, mal poisava
como na vaga o alcyão.
Tinha um sorrir do Empyreo,
dos anjos a virtude.
Ao longe, em noite placida,
a voz era alaúde,
que beija a viração.

«Pude matal-a! Ai! misero!
Choras? Em peito d'homem
não ha zelosas furias,
como estas que consomem,
a vida ao teu senhor!
Oh! dos meus annos flóridos
saudoso companheiro!
O seu amor... roubaste-m'o!
Trahiste-me primeiro!
Sacrifiquei-te a amor!

«Ama Fanor Zoraida.
Esta lhe c'rôa a esp'rança.
Elles no amor enlevam-se.
Eu no odio e na vingança...
Meu gladio a saciou.
Eu só do amigo perfido
no peito embebo a espada.
O mar, que geme lugubre
sob a janella amada,
em campa se tornou.

«Espera em vão a misera,
do triste caso ignara,
o meu rival. As placidas
ondas, a noite clara,
convidam-n'a a sair.
Chega a uma torre; os cúpidos
olhos volvendo anciosa
do mar aos plainos liquidos,
procura a prôa airosa
da barca descobrir.

«E em quanto espera, aos zephyros
anhelos seus confia;
e entoa um triste cantico,
em que murmura:—Guia
seu barco, ó viração!
Eu na janella gélida
encosto o seio brando,
o ether sereno e lucido,
e os astros espiando,
que teus rivaes não são!

—«Vem! essa pluma candida,
que ondeia mollemente
no teu turbante, o frémito
do seio meu frequente
imita, imita bem.
Vem! Ao teu lado o lucido
ferro suspenso esplende!—
E n'isto pára, e ávida,
como que o ouvido estende,
e escuta se alguem vem.

«Eu, desvairado, attonito,
co'a mente em raiva accesa,
corro a Zoraida. O extase
á esplendida belleza
juntava inda esplendor.
Talvez sonhasse o férvido
beijo e o supremo gozo.
Ebria de réo delirio,
impulso-a furioso,
arrojo-a ao mar... Que horror!

«Eil-a! no horrendo vortice
baqueia, e deixa solto
á brisa este véo candido.
O peito eu trago involto
no involuntario dom!
Sentindo o peso subito,
parece gemebundo
o pégo abrir-se! Ai! misero,
que ouvi do mar no fundo
da quéda o triste som!

«Crês-me arrancar com lagrimas
o espinho doloroso?
Chora o teu fado. Um genio
te trouxe aqui maldoso,
e nimio ardor te deu.
Arcano atroz, terrifico,
qual chamma de cratéra,
se irrompe, rubra, férvida,
estragos, mortes gera,
tal o segredo meu!

«Ignora o mundo a historia
da minha desventura.
Sabel-a tu e as arvores
da umbrifera espessura.
Morre por tal saber!»
E, assim dizendo, o fúlgido
punhal arranca, e prestes
crava-o no fido arabe,
e o deixa entre os cyprestes
exangue fallecer.

M. Pinheiro Chagas.